

CRÍTICA DA RAZÃO NEGRA – ACHILLE MBEMBE

Prof. Luciana Paula Da Silva De Oliveira¹

O tema central da obra *Crítica da Razão Negra* de Achille Mbembe é a de que o africano só tornou-se NEGRO, depois que o europeu assim o nomeou. Antes disso, ele era apenas ele mesmo. Sem nenhum adjetivo que o estigmatizasse. Ao nomear o Outro, estabeleceu imediatamente que as diferenças eram mais importantes do que as semelhanças. Tão incontornáveis que podia-se coisificar este estranho, sem ferir nenhuma lei ou moral, tendo em vista que estas só são aplicáveis aos iguais. A invenção da raça gerou o medo inconsciente do Outro, que deve ser controlado, evitado, submetido. E a África se tornaria um não mundo, a ausência da civilização.



Mas o fato é que o NEGRO sofreu a Diáspora que o espalhou pelo mundo, em cada lugar, trabalhou, criou cultura e se miscigenou à população local e aos colonizadores. O argumento de Achille é o mesmo de Florestan Fernandes, as elites brancas passaram a usar a mestiçagem como uma forma de minimizar a discriminação, é o chamado mito da democracia racial. Que desmobiliza qualquer crítica às desvantagens sociais sofridas pelos negros e mestiços por todo o mundo. Além de apagar qualquer contribuição histórica importante dessa população.

O etnocentrismo europeu em relação aos NEGROS foi cotidiana e incansavelmente reproduzido, ano após ano, por séculos, de modo que criou-se uma tal naturalização da ideia de sua inferioridade que ela está inscrita no

¹ Professora de Sociologia do CEP

inconsciente coletivo. Aos NEGROS cabe e coube uma eterna busca pela própria identidade e razão de vida.

Muitas comunidades raciais surgiram a partir de então, que para auto proteção e para reencontrar a verdade sobre si mesmos, aprenderam a reelaborar o termo NEGRO, não mais como algo amedrontador, selvagem ou depreciativo, mas como algo que constitui uma identidade que passa a ser relacionada à força da resistência, do orgulho de si, da história de luta e da beleza. Eternamente fugindo dos estereótipos ditados pelos europeus, mas com isso recriando tradições e significados.



Achille Mbembe no Musée Dapper em Paris na exposição Chefs-d'oeuvre d'Afrique. Foto: Manuel Braun

Entretanto, os negros que não estão em comunidades raciais, muitas vezes não conseguem livrar-se das máscaras, que a história de submissão lhes impôs. Um simulacro de si, de quem se tem medo, de quem não tem voz, de quem só vive em relação ao europeu e por causa

dele. E é necessário que se invoque a raça para refundar as origens, afinal, tudo foi retirado dele, o trabalho, a ancestralidade e as obras intelectuais. Os laços são fundamentais, para o pertencimento garantir a força suficiente para enfrentar a desumanização cotidiana.

O termo NEGRO surgiu com o advento da modernidade e foi responsável por sua constituição, consolidação e ainda hoje para sua manutenção. Sua existência simplificou a gama de direitos vivenciados pelos cidadãos europeus às suas custas. Afinal, para que alguns tenham direito à liberdade, muitos precisam ser controlados. Porque a África é o espaço da não lei, portanto, o mais forte sobrevive, domina e submete.

O corpo NEGRO não existe por si só, mas apenas na medida em que serve para trabalhar pelo senhor. Aliás, a acumulação primitiva do capital, teorizada por Marx, seria a expropriação da força de trabalho do NEGRO escravizado. Pode-se assim afirmar que a exploração do povo africano foi fundamental para a origem do capitalismo como se conhece hoje. E o autor vai mais longe, argumenta que ainda que a raça e a classe social caminhem juntas, se um dia a luta de classes acabasse, o racismo poderia continuar existindo. Porque a raça é mais estruturante do que o conceito de classe social.

A abolição da escravatura não produziu a liberdade e a integração do NEGRO à cidadania, antes, foi responsável pela criação de detritos raciais, um problema, um incômodo, que só seria minimizado com o embranquecimento cultural e com o respeito aos espaços que são reservados aos brancos e não aos negros. E é por isso que a identidade negra só pode ser compreendida como um devir.

Muitas vezes as religiões auxiliam na formação de grupos de pertencimentos para além das fronteiras físicas entre países. O autor cita o exemplo do islamismo que entrou em África de modo menos violento, adaptando-se à cultura africana. Isto porque os muçulmanos vão até os africanos para negociar e não para escravizar, e nessas idas e vindas, trocaram mutuamente aspectos culturais.

A violência faz parte da cultura do NEGRO porque está fortemente inscrito em sua alma, a memória do passado, o sofrimento cotidiano do presente e a injúria que ele terá que enfrentar do futuro. Isto é percebido na maneira como os pais negros vão preparando seus filhos para a vida fora de casa. “Somos aquilo que o outro faz de nós” (MBEMBE, 192:2017)

É paradoxal que o colonizador exija tanto do NEGRO um comportamento adequado, semelhante ao seu próprio, e quando ele assimila este recado, o europeu o repreende: “quem pensa que você é?”. Por isso é tão difícil a constituição da identidade negra, ela é cheia de meandros e interesses escusos. Muitas vezes ele não pode falar de si, pois ele é como corpo, seu próprio túmulo.

Referências bibliográficas:

MBEMBE, A. CRÍTICA DA RAZÃO NEGRA. Ed. Antígona, Lisboa, 2017.

MARX, K. A ORIGEM DO CAPITAL: A ACUMULAÇÃO PRIMITIVA. Ed. Global, São Paulo, 1989.